

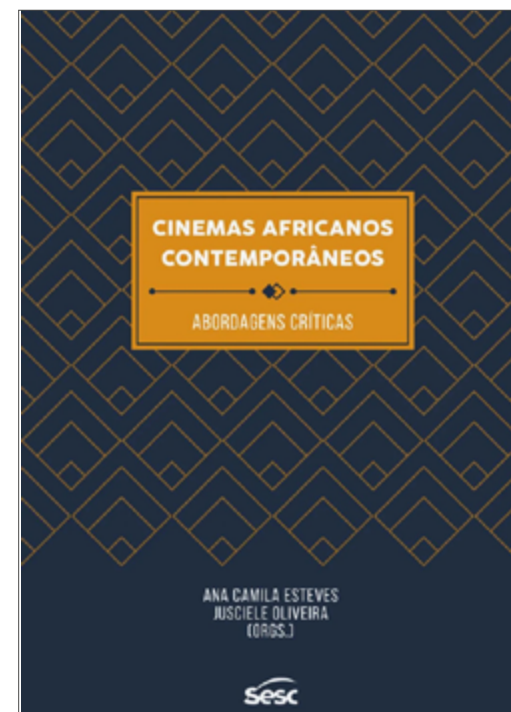
# DIMENSÕES CRÍTICAS SOBRE CINEMATOGRAFIAS AFRICANAS EM *CINEMAS AFRICANOS CONTEMPORÂNEOS: ABORDAGENS CRÍTICAS* (2020)

THAIS VIEIRA<sup>1</sup>

A obra *Cinemas Africanos Contemporâneos: Abordagens Críticas*, lançada virtualmente em 2020 pelo Cine África, vinculado à Mostra de Cinemas Africanos, em parceria com o Sesc Digital, é a primeira coletânea brasileira sobre as cinematografias africanas contemporâneas. Organizado pelas especialistas em cinemas africanos e doutoras Ana Camila Esteves e Jusciele Oliveira, o livro virtual tem como proposta abordar diversas perspectivas referentes aos cinemas africanos contemporâneos, reunindo em suas cinco seções e um apêndice: teorias, práticas, visões e debates relacionados ao campo de estudo.

A introdução do livro, nomeada como “Por uma ampliação do campo de estudos em cinemas africanos no Brasil em língua portuguesa”, oferece importantes reflexões sobre a necessidade de ampliação dos estudos de cinemas africanos no país, de colocar o Brasil como uma possível rota de pesquisas nesta área. As pesquisadoras Ana Camila e Jusciele concebem um panorama das publicações referentes ao campo dos cinemas africanos, que se iniciaram nos anos 1970, em línguas inglesas e francesas. As produções em língua portuguesa só se iniciaram em 2007. É a partir desta análise, que o livro virtual tem como intuito colaborar com a expansão de produções críticas sobre as cinematografias africanas na língua portuguesa. Pois se compreende que há uma vasta produção sobre essas temáticas em outras línguas, que muitos pesquisadores brasileiros e até mesmo de outros países que falam a língua portuguesa, não acessam por barreiras linguísticas. Assim, “O e-book em questão consolida o interesse em promover mais conhecimento sobre o continente africano e sua produção fílmica, diante de seus multiculturalismos e interculturalidades.” (2020, p. 13)

1 Mestranda no Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (PosCom-UFBA).



A obra é pioneira nos estudos de cinemas africanos no Brasil e possui o propósito de refletir acerca das diversas abordagens críticas e cinematográficas dos cineastas contemporâneos do continente africano. Importante frisar, que há um movimento das organizadoras em focar nos cinemas contemporâneos, por compreenderem que se faz necessário avançar nas discussões sobre tais cinematografias, para não haver somente estudos e perspectivas sobre os cinemas africanos do passado. Nessa introdução, as organizadoras demarcam também a atuação da Mostra de Cinemas Africanos ao longo de 2020, com seus desafios relacionados à pandemia do COVID-19. O Cine África, vinculado à Mostra de Cinemas Africanos, empreendeu no ano de 2020 em formato digital, tendo duas temporadas, com exibições de filmes africanos contemporâneos com legendas em português, com o objetivo de possibilitar acesso às cinematografias para os brasileiros, e conseqüentemente contribuir para a construção de repertórios, abordagens e pesquisas sobre os cinemas africanos. Elas destacam também a importância do papel da crítica e como se dão os processos de recepção das cinematografias abordados pelos próprios africanos.

Na seção “I – Contribuições Teóricas”, inicia-se com a tradução da introdução e trechos de alguns capítulos do livro *Women in African Cinema: Beyond the Body Politic* (2019), das pesquisadoras Lizelle Bischoff e Stefanie Van de Peer, intitulado no ebook como “A Multiplicidade das Identidades Femininas no Cinema Africano: Acolhendo a Pluralidade”. No artigo, as autoras introduzem reflexões acerca do agenciamento de realizadoras africanas, o quanto é perceptível a predominância de representações femininas e africanas, realizadas respectivamente por homens e não africanos. É essa lacuna que o artigo visa preencher, compreendendo as nuances de identidades culturais, construções de feminilidades africanas, questões subjetivas, políticas e até mesmo no constructo do que se dita nacional e transnacional. E o mais importante, é considerar que há uma diversidade no continente, de realizadores(as) africanas e suas práticas cinematográficas.

Em complemento a essas ideias, o segundo artigo desta seção é “Mulher e Sexualidade no Cinema Africano”, de Estrella Sendra. A autora discute uma temática muito relevante sobre as representações de mulheres relacionadas às suas sexualidades e sensualidades. O quanto é necessário “transformar sua representação de objeto para sujeito com agência” (2020, p. 38) e, principalmente, como a Sendra diz “desocidentalizar” as terminologias vindas do ocidente sobre perspectivas de gênero e sexualidades.

Já no terceiro artigo, “A Gramática da Violência na fala das Mulheres Subalternizadas: três exemplos nos cinemas africanos contemporâneos”, os pesquisadores Carolin Overhoff Ferreira e José Lingna Nafafe examinam três obras com mulheres protagonistas que enfrentam o sistema patriarcal em seus países. Os filmes africanos contemporâneos discuti-

dos são: *Madame Brouette* (2002), de Moussa Sène Absa; *Fronteiras* (*Frontières*, 2017) de Apolline Traoré; e *O Fantasma e a Casa da Verdade* (*The Ghost and the House of Truth*, 2019), de Akin Omotoso. Os autores reúnem alguns conceitos quando abordam o multilinguismo, como “cinemas com sotaque”, de Hamid Naficy, a “violência epistêmica”, de Spivak e “a fala do colonizado”, de Mudimbe. A partir das análises dos três filmes, Ferreria e Nafafe discutem sobre quais são os tipos de gramáticas fílmicas abordadas nas obras, seja nas estéticas, estilos e até mesmo nas línguas retratadas nos filmes.

Em “Ascensão do Musical Africano: Disjunção Pós-Colonial em *Karmen Gei* e *Madame Brouette*, de Sheila Petty, a partir de análises fílmicas, a autora visa compreender como os cinemas africanos musicais se utilizam do “espaço pós-colonial disjuntivo” (2020, p. 71). Partindo das percepções de como são construídas as ações das personagens em conjunto com as músicas, considerando que “a música sempre foi um elemento integrante do cinema da África subsaariana.” (2020, p. 68).

Posteriormente, vêm as importantes considerações do professor e pesquisador Mahomed Bamba, no artigo “Reflexão sobre a dimensão espetatorial dos filmes africanos. Ou como os cinemas africanos pensam de outra forma os seus públicos”. Bamba argumenta a questão da espetatorialidade dos cinemas africanos, a partir de questões semióticas e simbólicas no que se refere à recepção, o autor se utiliza de exemplos de filmes grióticos para defender sua tese, *Keita! L'héritage Du Griot* (1995) e *Djeli, contes d'aujourd'hui* (1981). Bamba cita esses filmes como exemplos de possíveis fabulações a partir de “gestos enunciativos” (2020, p. 86), construindo para o espectador o texto fílmico baseado no narrador griot. Para ele, é perceptível essa tendência nos cinemas de autor. Assim, há uma relação com o texto fílmico, seus enunciados e espectadores.

Em “Crioulização da língua portuguesa. Uma reflexão a partir de filmes contemporâneos de Angola, Cabo Verde e Guiné- Bissau”, Jusciele de Oliveira aborda a temática relacionada à utilização das línguas europeias e nativas nas cinematografias africanas, pelo olhar das disputas sobre esses aspectos entre diferentes pesquisadores e cineastas. A autora também traz os conceitos de crioulização, de Édouard Glissant, para pensar como os cineastas de países de línguas oficialmente portuguesas, como se posicionam numa tarefa multilinguística em seus filmes, reafirmando também questões de diversidades, estéticas, estilos em suas cinematografias. Em consonância com os conceitos de transculturação e autorrepresentação.

Na publicação “A Cena Contemporânea do Cinema Nigeriano”, escrita por Jonathan Haynes, o pesquisador apresenta o panorama sobre os cinemas nigerianos, o qual não pode deixar de falar sobre a *Nollywood*. Com as suas três décadas de atuação, Haynes também discute as possíveis nomeações, considerando suas temporalidades, como *Old Nollywood* e *New Nollywood* (2020, p. 113). Esta última surge com os adventos de exibições em salas de cinemas, participações em festivais internacionais, acessos às plataformas de *streaming* e sobre a espectralidade destas produções. O autor argumenta também que as obras não são somente focadas em Nollywood, mas como produções de cinemas fora desse eixo. Considerando ainda, a atuação de mulheres neste mercado em posições de liderança.

Já Ana Camila Esteves escreve “Habitar o mundo, Habitar as fronteiras – Contextos de migrações/mobilidades nos cinemas africanos contemporâneos”, evidenciando a discussão sobre as gerações de cineastas do pesquisador Mahomed Bamba quando se trata dos temas de migrações presentes nas cinematografias africanas. Outra contribuição relevante sobre esse assunto, é o conceito de mobilidades para os contextos africanos defendidos pela pesquisadora cabo-verdiana Iolanda Évora. Ao decorrer do artigo, há debates sobre como as nomenclaturas de cinema periférico e pós-colonial podem ser uma armadilha para os cinemas africanos. E mesmo como a própria autora sugere “livrar-se da ideia de nação” (2020, p. 144) quando pensarmos sobre tais cinematografias e seus cenários.

Em “Abderrahmane Sissako e o Afro-modernismo Cinematográfico”, de Beatriz Leal Riesco, realiza-se um panorama das obras do diretor mauritano Abderrahmane Sissako e suas relações com as artes africanas, afro-americanas e afrodiaspóricas. Segundo a pesquisadora, há em seus filmes um “aspecto transcultural e intertextual” e a “ideia de identidade em processo” (2020, p. 154). Ademais, Riesco afirma que as tentativas de colocar as obras do autor Sissako em uma dicotomia não estão atentas aos processos transculturais e transnacionais nas filmografias do cineasta. Assim, ela se remete a uma ligação entre a filmografia de Sissako e o conceito de afro-modernismo cunhado pelo britânico Kobena Mercer.

No artigo “O Metacinema como estratégia de reescritura pós-colonial: uma leitura de *O Enredo de Aristóteles*”, de Morgana Gama de Lima, destaca-se sobre como o filme dirigido pelo cineasta camaronês Jean-Pierre Bekolo, *O enredo de Aristóteles*, se utiliza de metacinema em suas “construções alegóricas” (2020, p. 171) para questionar o próprio cinema, suas convenções ocidentais e os contextos e expressões artísticas das cinematografias africanas. Como a narrativa ensaística de Bekolo, pode ser, como Lima diz “uma espécie de pedagogia do mistério” (2020, p. 183), ao propor tensionamentos e questionamentos ao público por meio de suas alegorias.

Na seção seguinte, tem-se o *Dossiê Crítica de Cinemas na África*, que reúne diversos críticos africanos e suas perspectivas. O conjunto de textos traz contribuições em relação à importância de se ter e reconhecer os críticos africanos, seja no continente ou no exterior, a existência de redes de críticos ao redor do continente africano e a rememoração da figura de Paulin Soumanou Vieyra, enquanto crítico das cinematografias africanas. Ademais, aborda-se os desafios enfrentados pelos críticos em seus países, no que diz respeito às suas produções e reconhecimentos midiáticos e a inserção dos profissionais dos cinemas do continente africano nos circuitos, laboratórios e festivais, bem como o lugar do crítico africano na cadeia do cinema e entre outras visões. Portanto, esta seção se dedica a ser um espaço para pensar os processos de críticas na África, com diferentes abordagens.

A seguir, na seção 3, há ensaios e críticas relacionados à programação do Cine África no Sesc Digital em 2020. Os filmes foram exibidos no evento e alguns pesquisadores e críticos evidenciaram seus olhares ao entrarem em contato com as cinematografias africanas. Através de suas compreensões críticas e ensaísticas, os convidados abordam as questões estéticas, estilísticas, temáticas e simbólicas dos filmes analisados.

Na seção 4, “Entrevista coletiva: Programadores de Cinemas Africanos no Mundo”, apresenta-nos os desafios enfrentados pelos curadores e programadores africanos de cinematografias advindos pela pandemia do Coronavírus em 2020, demandas que também foram enfrentadas pela Mostra de Cinemas Africanos. Dessa forma, ao longo das entrevistas discutiram-se sobre as dificuldades e possibilidades dentro desse cenário com programadores, diretores artísticos e curadores de países africanos e não africanos para dialogarem sobre suas experiências neste formato online e suas visões e perspectivas para as cinematografias africanas e seus respectivos festivais diante das plataformas digitais.

Por último, o livro apresenta um apêndice com as publicações em português sobre cinemas africanos, incluindo catálogos, dossiês, revistas, monografias, teses e dissertações. Selecionou-se também as principais obras em inglês e francês sobre as cinematografias africanas. Demonstrando mais uma vez, a perspectiva de ampliar as referências sobre essas temáticas e torná-las cada vez mais acessíveis aos públicos brasileiro e/ou falantes de língua portuguesa.

Diante disso, é notável a importância da obra no que tange aos estudos dos cinemas africanos, tanto no campo teórico quanto no analítico. É uma vasta publicação que abarca diversos temas recorrentes das cinematografias africanas contemporâneas, oferecendo visões múltiplas sobre assuntos tais como presença feminina, multilinguagens, experiências estéticas e estilísticas, debates sobre nação e considerações únicas sobre o desafio de transpor

essas noções – por muitas vezes ocidentais – dos cinemas africanos por um viés pós-colonialista ou periférico. O ebook tem como intuito considerar tais cinematografias enquanto cinema e como expressões artísticas em suas diferentes abordagens, práticas e tensionamentos.

Portanto, o livro virtual afirma o compromisso no decorrer de suas contribuições teóricas, críticas, ensaios e entrevistas com a expansão da produção de saberes e de conhecimentos referentes aos cinemas africanos no Brasil. Uma leitura que introduz e defende variados conceitos relevantes para o campo da pesquisa, estreitando assim relações com o continente africano e suas cinematografias.

## REFERÊNCIAS

ESTEVES, Ana Camila; OLIVEIRA, Juscielle (orgs.). *Cinemas africanos contemporâneos: abordagens críticas*. São Paulo: Sesc. 2020.